

O USO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA: ETNOGRAFIA NO ALOJAMENTO ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA¹

A PUBLIC POLITICS APPLICATION: ETHNOGRAPHY IN A STUDENT HOUSING AT SANTA MARIA FEDERAL UNIVERSITY

GRAZIELA DA SILVA MOTTA²

Recebido em: 07/05/2012

Aprovado em: 30/07/2012

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a convivência de estudantes que moram provisoriamente no alojamento coletivo estudantil da “União Universitária” da Universidade Federal de Santa Maria/RS no primeiro semestre de 2009, com o intuito de revelar a organização da heterogeneidade neste espaço específico. Para isso, foi utilizada uma metodologia qualitativa de abordagem interpretativa capaz de explorar as especificidades do objeto desta pesquisa. O trabalho revela um campo amplo de diversas interpretações das quais algumas são destacadas de acordo com o referencial teórico escolhido. Nota-se um espaço de diversidade cultural, no qual os estudantes tiveram que (re)configurar mecanismos de convivência, suscetíveis de efetivar relações harmoniosas durante o período em que estiveram no alojamento coletivo. O trabalho procura demonstrar a construção das sociabilidades dentro do espaço coletivo, no qual as subjetividades atuam de forma que o processo de convivência conduz a aprendizados e a novas formas do estudante se enxergar como um ator que interfere diretamente na sociedade.

Palavras-chave: Alojamento coletivo estudantil; Diversidade; Cidadania.

1 Introdução

No Plano Nacional de Assistência Estudantil³ (PNAES), consta, entre outros benefícios ao estudante carente, o direito à moradia gratuita. No quadro de assistência estudantil da Universi-

ABSTRACT

This study had the proposition to analyze the acquaintance of the students that lived temporarily at the student lodgement of “União Universitária” at Universidade Federal de Santa Maria/RS at the first semester of 2009 with the plan to reveal this specific space heterogeneous. It was used a qualitative methodology of interpretative approach which was capable to explore the object details in this study. The study revealed a large way of various interpretations which some were emphasized according to the chosen theoretical reference. Been observed a space of cultural variety of which the students had to re-configure acquaintance mechanisms to actualize harmony relations during the period in which they were at the lodgement. The study looked to demonstrate the sociability constructions inside the collective space in which the subjectivity act in the collective environment in a way that the acquaintance process leads to learning and new ways to the student to see himself as an actor that directly interferes at the society.

Keywords: Student lodgement; Diversity; Citizenship.

dade Federal de Santa Maria (UFSM), além das três Casas do Estudante Universitário I, II e III (CEU), há um espaço específico de moradia provisória, a “União Universitária”⁴, fruto de ocupação estudantil ocorrida no final da década de 80, que atualmente recebe

¹ Esta pesquisa foi apresentada na IX Reunião de Antropologia do Mercosul, de 10 a 13 de julho de 2011, em Curitiba, PR.

² Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. E-mail: grazielasmotta@hotmail.com.

³ O Plano Nacional de Assistência Estudantil é uma política pública destinada a estudantes do ensino superior público e contempla a moradia, a alimentação, oferece bolsas de trabalho, meio de transporte e saúde aos estudantes que necessitam de assistência econômica.

⁴ Os dados colhidos a respeito do histórico do alojamento estudantil são de cunho informal: panfletos datilografados que datam da década de 80, com intuito de protesto por pessoas engajadas no movimento estudantil da referida época, e textos disponíveis no link, existente no site da UFSM, que acessa a página da CEU, em que se encontraram informações a respeito do histórico da moradia provisória. Deve-se atentar que o texto encontrado ao acessar o referido link (www.ufsm.br) é de uma linguagem coloquial, sem o nome (ou nomes) de quem o produziu, datado de 2008. Muito embora esteja direcionado aos estudantes e notadamente escrito por ele(s).

os calouros que aguardam por uma vaga na CEU, enquanto a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis⁵ (PRAE) defere o benefício socioeconômico⁶ (BSE).

Esta investigação analisa as formas de interação entre estudantes universitários que moraram no alojamento coletivo estudantil, denominado “União Universitária”, na Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM), no ano de 2009. Trata-se de uma tentativa de análise das experiências vividas desta diversidade estudantil dentro do espaço coletivo, caracterizada por um processo de (re)adaptação e (re)configuração de valores gerados por diversos campos de socialização, por conta da atuação da instituição universitária ao dirigir o espaço. Procura-se acompanhar o processo de estada dos estudantes para revelar suas visões de mundo e, consequentemente, seu “*ethos*”⁷.

Este modesto ensaio etnográfico é realizado com os moradores do alojamento coletivo, no primeiro semestre do ano de 2009, e tem duração de três meses – meados de março a meados de junho. Para tanto, pretende-se acompanhar a entrada, a interação da vasta diversidade de estudantes, até a sua saída do alojamento, com o objetivo de tentar revelar suas formas de convivência e organização a partir do seu ponto de vista, capturando as sociabilidades e os aprendizados dentro desse espaço, em que predomina a privação de infraestrutura e heterogeneidades.

Constata-se que há uma ruptura com o espaço doméstico em relação ao novo espaço de moradia, e, em decorrência disso, há ajuste e (re)configurações de valores por conta da convivência com pessoas heterogêneas na cor da pele, no

⁵ “A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) é órgão administrativo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que planeja, operacionaliza, supervisiona, orienta e, juntamente com os acadêmicos, interage nas atividades universitárias que abrangem o campo cultural, social e assistencial da Política de Assistência Estudantil desta instituição.” <http://w3.ufsm.br/prae/> Atualizado em Agosto de 2010.

⁶ O BSE está pautado no programa de Assistência Estudantil de acordo com o Plano Nacional de Assistência Estudantil. Chamam este benefício, entre a comunidade universitária, de “carência”.

⁷ “Os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo ‘ethos’; enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo ‘visão de mundo’” (GEERTZ, 1989, p. 143).

gênero, na origem, entre outras diferenças. No que se refere à política de assistência estudantil, é importante observar que apenas a implantação de medidas de cunho econômico, muitas vezes, pode não efetivar suas finalidades, pelo fato de haver uma diversidade estudantil. A permanência no ensino superior nem sempre depende apenas de uma questão financeira, pois a política de assistência não incorpora questões culturais, ou de gênero. Este estudo específico revela que a convivência mais intensa entre pessoas diferentes resultou em fortalecimento dos laços entre elas, capazes de enfrentar obstáculos juntas, pois compartilham suas experiências e se preparam para se colocar em contato com o mundo.

Enquanto a prerrogativa da política é igualar as condições de permanência entre os estudantes da Universidade, há conotações diversas sobre este direito, pois muitos estudantes moradores do alojamento, em algum momento, sofreram alguma discriminação por ali morarem, por parte de colegas não moradores do mesmo espaço.

Embora seja imprescindível essa política para garantir a permanência de estudantes de baixa renda no ensino superior público, é importante ressaltar que a construção da cidadania, prevista como uma das metas dessa política, depende do compartilhamento de experiências entre os estudantes e das interações com a sociedade em geral.

2 Referencial teórico

2.1 O *Campus* da UFSM como instituição total

A finalidade da existência da moradia estudantil da UFSM é permitir que os estudantes de baixa renda possam concluir o curso ao qual se destinaram a realizar. O alojamento coletivo estudantil colabora com a burocracia ao distribuir os estudantes nos apartamentos das CEU’s durante o período em que estes

comprovam baixa renda⁸ para a Pró-Reitoria de Assuntos estudantis (PRAE). Para compreensão desse processo, pode-se tomar o *Campus* da UFSM como uma “instituição total”, pois esta

Pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN, 1974, p. 11).

Goffman (1974) define o caráter da “instituição total” como um ambiente mais “fechado”, em que seu caráter total é simbolizado pelo rompimento da relação social com o mundo externo, facilmente visualizado por ambientes em que predominam portas fechadas, paredes altas, etc.

Embora a teorização sobre instituição total, em sua origem, trate de espaços como conventos, manicômios e prisões, o conceito é aplicável ao *Campus* da UFSM pelo fato de este apresentar as características do isolamento do estudante em relação ao espaço doméstico, ou seja, o morador da CEU se desloca da cidade de origem para residir em uma Cidade Universitária, com seu conjunto de regras e fiscalizações – marcados pelos postos de vigilância, bem como pelos horários que ordenam a rotina no *Campus*, além das normas estabelecidas por estatutos – que são imprescindíveis para a permanência do estudante neste espaço.

2.2 O individualismo: suas flexibilizações

Para Dumont (1985), o individualismo se estabelece como valor supremo na modernidade. O autor estabeleceu suas teorizações ao relacionar os valores holistas, existentes em socieda-

⁸ De 1999 a 2010, o valor manteve-se estático: R\$500,00 por pessoa. O aumento do valor para R\$ 765,00 se deu no primeiro semestre de 2011. Ressaltando-se que esse aumento de “teto da carência” foi uma reivindicação da entidade do Diretório Central dos Estudantes da UFSM. Fonte: <http://avantedeufsm.blogspot.com/2010/07/vitoria-mais-avancos-na-assistencia.html> - Atualizado em set/2010.

des tradicionais como a Indiana, com os valores da sociedade ocidental, essencialmente o individualismo. Enquanto o holismo valoriza os sistemas estruturais, ou seja, privilegia a sociedade; o individualismo valoriza o indivíduo.

Pondo os fatos à luz dessa teoria, pode-se afirmar que os moradores do alojamento coletivo, pelo fato de anteriormente terem vivido em espaços mais restritos em relação a um espaço onde é dividido com um número maior de pessoas, (re)configuram o modo de interagir com as pessoas para que se efetive a convivência necessária pelo período de tempo estipulado para a conquista do BSE. É o que se pode perceber através de um trecho retirado do diário de campo, quanto aos relatos de um morador que não gravou entrevista:

Entrou assustado na “União Universitária”, pois conhecidos que não moravam no alojamento diziam que as pessoas de lá iriam lhe roubar, etc. Ele relata como uma boa experiência, pois fez amizades lá dentro, aprendeu a dividir espaço, já que foi criado como filho único, considerando-se muito egoísta. Em sua casa, tinha um quarto grande só para si, tinha ciúmes de que qualquer pessoa entrasse nele. E, tempos depois, tendo que viver rodeado por pessoas, vendo-as se vestirem, num ambiente sem silêncio, disse não se perturbar com isso. A experiência ali tornou a convivência em conjunto mais tolerável que antes (FALA DE RODRIGO).

Nas palavras de outro entrevistado:

Eu, por exemplo, era muito “fechado”. Minha mãe me criou muito assim. E, na “União”, a gente acaba aprendendo valores. [...] Valores da convivência comum, assim, de criar uma amizade [...] no sentido de que um pode ajudar o outro, e essa solidariedade maior se deu pelo fato do morador da “União” ter problema socioeconômico, entendeu, e tudo isso resulta em parceira (FALA DE ÂNGELO).

Na opinião de outra moradora:

A gente aprende bastante, tipo coisa que a gente não aprende em casa, tipo... Quem é filho único aqui, aprende a conviver, aprende a dividir as coisas quando falta alguma coisa pra gente. E... Sei lá, eu acho aqui um ambiente bom, sabe (FALA DE JÚLIA).

Esta convivência, iniciada e permeada pelos “valores individuais”, com o passar do tempo, aparece como uma convivência permeada de “valores coletivos”, ou seja, ocorre uma transformação – o inverso do que acontece em uma sociedade em que impera o individualismo.

Nesse sentido, nota-se que estas pessoas que saíram de um meio rural, típico de “cidade pequena”, trazem consigo os valores aprendidos com a família, tanto no que se refere ao individualismo quanto ao teor conservador. Ao se posicionarem como sujeitos que usufruem de um direito garantido pelo Estado, chocam-se tanto pela complexidade da “cidade grande” quanto pelas representações sociais dos sujeitos em relação ao atual local de moradia, culminando em (re)configurações de seus valores pessoais.

3 Método de pesquisa

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade e aprovado, pois se tratou de um espaço existente dentro da UFSM. Um dos documentos exigidos para a submissão foi a autorização institucional que, neste caso, ficou a cargo do Pró-Reitor de Assuntos Estudantis. Dessa forma, a pesquisadora obteve respaldo institucional para realizar a pesquisa no alojamento coletivo.

A abordagem metodológica escolhida para atingir o objetivo deste trabalho foi o método etnográfico, que, em Antropologia, é utilizado como construção de conhecimento legitimado, pois permite a interação entre pesquisador e

pesquisado para que seja possível a observação e a análise dos fenômenos sociais. O uso da técnica da “observação participante”, sistematizada por Malinowski (1978), permite representar outras formas de vida, diferentes das que se conhece e, nem por isso, menos importantes. Portanto, sendo o espaço um local incomum de moradia, conviver com os moradores do alojamento era imprescindível para estabelecer contatos e estar a par dos fenômenos que eram anotados em um diário de campo.

A observação participante ocorreu por um período de três meses (de meados de março a meados de junho de 2009), em que a pesquisadora foi morar no alojamento, saindo, apenas, para frequentar as aulas e o trabalho de 20h semanais. Esse período de tempo contemplou a entrada, a permanência e a saída dos estudantes do alojamento coletivo. Enquanto experiência de campo, a pesquisadora permaneceu no quarto misto (dividido por homens e mulheres), em detrimento dos quartos feminino e masculino, pois a interação entre os dois gêneros poderia enriquecer a pesquisa no que se refere à interação de diferenças.

Entrevistas semiestruturadas (Chizzotti, 1998) foram aplicadas como técnica de coleta de dados para fins de esclarecimentos de determinadas constantes, procurando compreender o ponto de vista dos moradores em relação à convivência e as suas ações. O diário de campo foi outra técnica fundamental no trabalho, em que eram anotados, todas as noites, os acontecimentos do dia. Muitos dos dados utilizados para a construção deste trabalho foram obtidos, inclusive, de conversas informais, nas quais não foram autorizadas o uso de gravador, uma vez que as pessoas sentiam-se mais à vontade em discorrer sobre variados temas mais pelas conversas do que tendo suas vozes registradas. Os questionamentos que nortearam a pesquisa foram na tentativa de revelar: a) como o/a estudante, ao deixar a antiga moradia em outra cidade, reage

perante a heterogeneidade típica da “cidade grande”, agrupada num espaço coletivo em que a diferenciação financeira é o único traço em comum visível entre eles?; b) qual a importância que há em interagir com pessoas diferentes do seu convívio social?; e c) conviver com essa gama de diferenças auxilia no processo de aceitação do outro?

Certamente, esses questionamentos são demasiados amplos para serem respondidos por este pequeno ensaio etnográfico. Mesmo na pesquisa, salienta-se que a resposta advém de um grupo específico de pessoas, em que se obteve mais respaldo em interação e confiança para que certos assuntos pudessem ser tocados com menor receio. Embora a escolha da abordagem qualitativa se perca em quantidade de respostas, ganha-se em profundidade do assunto, pois demanda de todo um tempo de interação, que permite aproximação do pesquisador com o pesquisado, e de questões éticas capazes de proteger a integridade dos participantes da pesquisa.

A interação da pesquisadora com as pessoas que moravam provisoriamente no quarto misto se restringiu a um determinado grupo que tinha a cama próxima a da pesquisadora. À medida que essas pessoas a indagavam sobre sua vida, esta se apresentava como estudante que estava concluindo a graduação e elaborando o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) sobre o cotidiano dos moradores do alojamento coletivo. O problema enfrentado, como pesquisadora do local, foi a demora em conquistar a confiança daquelas pessoas, pois haviam dúvidas de que a pesquisadora poderia ser um membro representante da PRAE e estar infiltrada naquele espaço como “espiã”. A tática da autora para conseguir interagir com o grupo que, em um primeiro momento, mostrou-se interessado em se abrir, foi a de mostrar uma narrativa fotográfica sobre o alojamento, realizada em uma disciplina do curso. Nessa narrativa, havia fotos sobre a sociabilidade de uma es-

tudante. Essa narrativa estava encadernada, e, quando a pesquisadora mostrou para uma jovem, o trabalho passou de mão em mão. Muitos gostaram do que estava escrito ali, viam-se em uma pesquisa que não havia sido realizada com eles e, assim, a noção de “espiã” se alterou para a de pesquisadora.

A interação maior se deu com um grupo de sete pessoas, geralmente estudantes das ciências humanas. Com eles, a pesquisadora passava todo o tempo, realizava refeições, passava as noites no alojamento, participava das reuniões internas do quarto, realizava sua higiene pessoal, participava dos momentos de sociabilidade, além de conversar sobre diversos assuntos. As entrevistas foram realizadas com cinco pessoas, em que algumas foram mais abertas, outras mais tímidas, alguns se recusaram a gravar entrevista. As falas utilizadas nesta investigação são oriundas desse grupo de pessoas, e seus nomes foram ocultados, utilizando-se de codinomes, por uma questão ética, pois a condição para concessão das entrevistas era de manter sigilo sobre as verdadeiras identidades dos sujeitos participantes.

À medida que as pessoas saíam do alojamento, a pesquisadora passou a frequentar a residência de algumas na CEU. Pode-se dizer que o retorno da investigação, para estes sujeitos entrevistados, iniciou-se neste momento, pois, a partir disso, encerrou-se o trabalho de campo, e as conversas giraram em torno da construção escrita do trabalho. Após a redação, o envio da pesquisa foi realizado por e-mail. No entanto, muitas pessoas que participaram desta seguiram outros rumos. Uma entrevistada retornou à cidade de origem, no Paraná; outro foi nomeado em um concurso público. Porém, muitos seguiram seus estudos na Universidade.

O alojamento estudantil chega a ser uma polêmica dentro do *Campus*. A aproximação da comunidade universitária com o alojamento coletivo se restringe à entrada do mesmo, porque

coincide com a saída do Restaurante Universitário. Disso resultam especulações e afirmações propagadas pelo senso comum, popularmente, compreendido pela má “fama” do lugar. A curiosidade que desperta nas pessoas em geral e a necessidade de compreender o cotidiano do espaço (para que seja promovido um diálogo menos conflituoso entre “dirigentes e dirigidos”) podem ser possíveis através de um estudo que tente trazer a realidade mais próxima possível da convivência desses jovens estudantes.

A motivação maior em realizar esta pesquisa surgiu do fato de a pesquisadora ter sido moradora da “União Universitária” durante o período de seis meses, em 2006. Esse foi o primeiro contato com o espaço e, dessa experiência, surgiram os questionamentos apresentados neste trabalho. Esta relação próxima com o objeto não necessariamente poderia comprometer o desempenho desta pesquisa, pois, segundo Velho, “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (1994, p. 126).

Por conta dessa questão ético-metodológica, foi realizada inserção em campo para a efetivação desta pesquisa, com moradores do primeiro semestre de 2009, período em que a pesquisadora voltou a morar no alojamento cerca de três meses, pois:

Dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema (VELHO, 1994, p. 127).

Isto posto, pode-se dizer que os dados colocados nesta pesquisa se referem, unicamente ao período de inserção

em campo, em 2009, relacionados a pesquisadora e não a situações vividas como moradora em 2006. Tendo em vista o fato de este alojamento abrigar pessoas com dificuldades financeiras, as quais enxergam na educação o passaporte para uma vida mais digna, ao se depararem com pessoas diferentes – na cor, no estilo, nas formas de pensar, no gênero – de si, exercitam um convívio que culmina na tolerância à aceitação do outro em meio a um espaço regido por regras oriundas da instituição universitária, e os questionamentos procuraram compreender este processo.

4 Apresentação e discussão dos resultados

4.1 A moradia na assistência estudantil

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (...) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. (ART. 205 E 206 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988).

Uma das medidas adotadas pelas universidades públicas federais para efetivar o artigo constitucional transcrito neste trabalho se pauta, entre outras formas, na elaboração do Plano Nacional de Assistência Estudantil, no qual está reunido um número de medidas de assistência econômica capaz de manter estudantes de baixa renda no ensino superior público.

O alojamento coletivo – integrador da política pública de assistência estudantil, mais especificamente, no que se refere à moradia – existente nas dependências da UFSM é um espaço destinado a abrigar estudantes com carências econômicas, recém-ingressos na UFSM e, ao realizar esta função, torna-se um espaço que agrega conflitos, devido à

grande diversidade comportada no local.

No entanto, a carência financeira é o único ponto perceptível, à primeira vista, de diferença nessas pessoas, e, ao colocá-las em interação face-a-face (Goffman, 1985) num contexto em que imperam regras institucionais, para efetivação da finalidade de conclusão do curso pretendido pelo estudante, pode-se identificar a dinâmica criada pelo grupo para vivenciar esta nova fase dentro do espaço público.

Van Genneep, no livro *Os Ritos de Passagens*, salienta que “é o próprio ato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial à outra e de uma situação social à outra [...]” (1977, p. 26-7), e tendo em vista o fato da organização da vida social passar por diversas mudanças de situações, Van Genneep visualiza a existência de “ritos (diretos) de passagens”, em que “a ideia nele contida é a de que a pessoa, dessa maneira, sai do mundo anterior para entrar em um mundo novo”⁹ (1977, p. 36), que efetivam esta transição. Dessa forma, Van Genneep (1977) denomina “ritos preliminares” como sendo os ritos de separação do mundo anterior; os “ritos liminares” os que são ocorridos durante o estágio de margem; e os “ritos pós-liminares” se referindo à entrada no novo mundo.

Assim, pode-se fazer uma analogia com o espaço do alojamento coletivo como sendo um “rito de passagem”, pois o espaço é uma moradia provisória onde os estudantes permanecem até que seja comprovada diferença financeira – feita através da solicitação de documentos pela PRAE – e, após a aprovação por meio da concessão do BSE, este possa se direcionar à moradia definitiva- CEU I e II. Nota-se que há uma ruptura do estudante com a moradia anterior, a permanência deste por cerca de dois meses no alojamento estudantil e a saída para a nova realidade que viverá na CEU, com novas espacialidades e personagens sociais a conviver.

4.2 Espaço do alojamento estudantil

O alojamento estudantil, denominado “União Universitária”, situa-se acima do Restaurante Universitário (RU), no *Campus* da UFSM, próximo às CEU (II e III)¹⁰. A entrada para o alojamento coincide com o caminho de saída dos estudantes que fazem suas refeições no RU¹¹, até chegar a uma escada que efetiva a entrada no alojamento. Este, por sua vez, divide-se em três quartos: feminino, masculino e misto – sendo o último conhecido como “mistão” pelos moradores, pelo fato de homens e mulheres dividirem o mesmo espaço. À esquerda das escadas, encontram-se os banheiros feminino e masculino; à direita, encontra-se o caminho que nos leva aos demais quartos, a cozinha, o laboratório de informática, o salão, a área coberta e espaço para varais de roupas. Ainda frente às escadas, nos deparamos com uma sala com televisão e com o quarto masculino – ao lado deste está uma mesa com um vigilante responsável pelo controle das normas do local.

Os banheiros são constituídos de dois tanques para se lavar roupas, um vaso sanitário, dois boxes de chuveiros e duas pias. Os quartos possuem diversos beliches alinhados e numerados, sem armários, e as janelas são de um lado da parede, cobertas por plásticos escuros. A sala de televisão – em que o televisor se encontra preso em uma grade – possui um bebedouro e alguns bancos.

Ao longo do caminho que direciona aos demais quartos, é possível enxergar mesas e cadeiras dispersas. O ponto central, onde os moradores se encontram, é um salão grande, que serve também como cinema e área de estudos. Mais adiante, existe uma cozinha composta de três refrigeradores antigos, um fogão de quatro bocas – com defeito em uma delas –, uma pia longa, mesas

¹⁰ A organização da Casa do Estudante Universitário de Santa Maria é compreendida pela CEU I, prédio localizado no centro da cidade de Santa Maria; CEU II, localizada no Campus da UFSM; e CEU III, destinados aos estudantes de pós-graduação e funcionários da universidade.

¹¹ Todos os estudantes podem frequentar o restaurante, no entanto, somente os que possuem benefício socioeconômico (BSE) podem realizar as três refeições oferecidas diariamente (café da manhã, almoço e jantar).

⁹ Procedimento que se aplica inclusive em uma casa (VAN GENNEEP, 1978).

de madeira fixadas na parede e alguns utensílios, como painéis e talheres. O Laboratório de Informática encontra-se no final do salão e chama-se “Labinfo”. Na área coberta, existem varais e um espaço consideravelmente grande.

As paredes são as partes que mais chamam a atenção de quem entra no alojamento coletivo e merecem uma atenção especial. De estrutura precária, antiga, as paredes de todos os quartos são completamente preenchidas com assinaturas e dizeres de quem já passou pelo lugar. Uma espécie de memória das pessoas que já moraram no espaço, com palavras bem peculiares. Uma assinatura que pretende ali guardar uma experiência de vida, um lugar de memória efetivamente.

Frases incentivadoras para os novos moradores, registro da saudade da família, demonstrações de afeto por grupos que se constituíram ali mesmo, escritos referentes às amizades “eternas” criadas dentro do espaço, o qual exigia das pessoas negociações, solidariedade e tolerância quanto às dificuldades que eram comuns... Com isso, nota-se que os dizeres grafados nas paredes, além de deixá-las mais coloridas e decoradas, contam parte de histórias vividas neste alojamento. E o mais interessante é o fato de essas paredes contarem uma história completamente contrária daquela contada pelos olhos que passam de relance sobre elas. Para as pessoas que ali deixaram seu registro, a assinatura representava um valor extra em suas experiências de vida e também a possibilidade de continuarem sua trajetória de estudantes universitários com apoio da instituição. Se, para quem olha “de fora”, tais assinaturas podem remeter a situações tristes, para aqueles jovens ali impressos, elas representavam um passo no sucesso e na experiência de estudantes “fora de casa”.

Mas a descrição da estrutura física do ambiente pouco revela a respeito dos valores ali significados, muito embora ela seja relevante como aspecto negativo para alguns moradores entre-

vistados, como salienta uma moradora:

Acho que se fosse só pelo ambiente, assim, eu acho que não ia gostar. Só pelo meio, assim onde eu “to”. Pela estrutura, assim, eu não ia gostar, porque... Ah! Eu não gosto dessa cozinha aqui sabe... Não gosto desse corredor, não gosto do banheiro, não gosto do quarto... Eu gosto das pessoas (FALA DE RENATA).

DaMatta (1997), ao utilizar a “casa” e a “rua” como categorias sociológicas suscetíveis de designar “entidades morais, esferas de ação social”, que despertam “emoções, reações, leis”, mostra a ideia de percepção do espaço através de contrapontos para que as assertivas venham a ter sentido. Da mesma forma, discute-se o ambiente do alojamento coletivo em que, para compreendê-lo, é necessário entender dois olhares que predominam: o privado, proveniente dos moradores do alojamento coletivo; e o olhar do ambiente público, que parte basicamente dos não moradores.

Gaston Bachelard, em sua obra *A poética do espaço*, designa o espaço da casa como sendo “nosso canto no mundo” (1974, p. 358): um espaço em que significa uma referência de existência do indivíduo no mundo, bem como de moradia e proteção. Nesses termos, a casa, sendo uma categoria destinada à noção de espaço privado, evoca valores e comportamentos diferenciados daqueles exibidos no espaço público – diferentemente do uso dos artificios da representação social, como se, em vez de interagir, as pessoas atuassem em um palco como atores, o que sugere Goffman (1985). Em “casa”, reina a paz, o aconchego, o carinho e outros sentimentos oriundos de valores, como o respeito (DAMATTA, 1997). Em contrapartida, o espaço público, categorizado pela “rua”, é sinônimo de perigo, de “malandragem”, até mesmo um “não lugar”¹², na concepção de Marc Augé (1994).

¹² “[...] Um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar”. (AUGÉ, 1994, p. 73).

Os moradores do alojamento usaram, frequentemente, o verbo “morar” para comunicar a alguém, inclusive nas entrevistas, que permanecem provisoriamente no alojamento coletivo, muito embora algumas pessoas não enxerguem o espaço como um “lar”. Estas, ao lançar o olhar para o alojamento e para a própria aceitação em permanecer ali, reconfortam-se ao se lembrarem da antiga moradia, o que lhes confere uma sensação de proteção (BACHELARD, 1974) naquela nova situação que enfrentam, pois muitos são oriundos de pequenas cidades do interior do estado do RS. Entretanto, há aqueles que enxergam o alojamento estudantil como “casa”, nos mesmos moldes salientados por Bachelard: “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (1974, p. 358), o que reforça a ideia de segurança. Dessa forma, concebendo o espaço de moradia como uma “casa”, as formas de agir dentro do alojamento, o comportamento dos estudantes, serão condizentes com os valores salientados por DaMatta (1987), em detrimento do comportamento negligente executado na rua.

Gilberto Velho (1978), em seu livro *A utopia urbana*, demonstrou a estratificação social por conta do bairro em que morava determinada pessoa. Em seu trabalho, mostra que, quando alguém se refere a Copacabana como local de habitação, automaticamente se atribui um valor de prestígio social para essa pessoa. Citar outro bairro que não seja este significaria estar abaixo na hierarquia de bairros. Sendo constatada essa regra dentro do universo de pesquisa de Velho, uma semelhança se revela no caso da moradia estudantil: quando algum estudante define o espaço do alojamento coletivo como sua casa, ou até mesmo o cita como lugar de permanência provisória, é-lhe atribuído uma marca de diferenciação, um estigma¹³, que interfere nas interações sociais, pois este foge à regra da normalidade: o de possuir uma residência que evidencia sua condição fi-

¹³ “O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo [...]” (GOFFMAN, 1988; p.13).

nanceira. Ou seja, esse estigma que sinaliza “pobreza” se relaciona diretamente ao espaço habitacional.

Todo domicílio remete a um endereço, ou seja, o indicador de que a pessoa reside em determinado lugar é identificada como um espaço. Para os moradores da CEU I e II, principalmente para os moradores do alojamento, isso não seria diferente. As correspondências, que chegam ao correio e estão direcionadas para os moradores da CEU II e União Universitária são levadas para a Diretoria da Casa e separadas por blocos. Quando se trata de um morador do alojamento, complementa-se com “União Universitária”. Ou seja, não se pode considerar o alojamento coletivo um mero “não lugar”, visto que “não lugares” não possuem identificações (AUGÉ, 1994). Em outras palavras, pode-se dizer que moradias públicas têm uma conotação privada, inclusive se tratando de um alojamento coletivo. Este também, por sua vez, gera identificações e sentidos de pertencimento, mesmo sendo transitório.

4.3 Ruptura do estudante com o espaço doméstico

Nos Estados Unidos, o ingresso do estudante no ensino superior significa, muitas vezes, não retornar a morar na casa dos pais. A ruptura com o espaço doméstico é, por vezes, tradicional. Como forma de acolher este novo estudante, existem as *fraternities*¹⁴ e as *sororities*¹⁵, que, além de culminar em traços de identidade, auxiliam na adaptação do calouro no ensino superior. Também constituem redes de apoio e de contatos sociais; entretanto, conquistar uma vaga em uma das “fraternidades”, por exemplo, é facilitada se a pessoa for considerada “importante” pelos membros do grupo (OLIVEN, 2005).

¹⁴ “[...] Grupos fechados de estudantes, que residiam juntos em casas localizadas dentro ou na periferia dos *campi* e que, até hoje, podem ser identificadas por letras gregas em suas fachadas” (OLIVEN, 2005 p. 115).

¹⁵ “As primeiras fraternidades eram só para estudantes do sexo masculino. Passado algum tempo, são fundadas as *sororities* para estudantes do sexo feminino” *Ibid.*, p. 115.

O rompimento do estudante com o ambiente familiar para ingressar no ensino superior, especificamente no que se refere ao alojamento coletivo, remete a inúmeras preocupações dos familiares dos estudantes, justamente por estes dividirem um espaço coletivo com diversas pessoas desconhecidas. O receio dos familiares em relação aos outros estudantes é por conta de esses outros estarem dentro do mesmo ambiente em que se encontra o/a filho(a).

Meus pais ficaram meio preocupados, porque, tipo, criada assim pra fora¹⁶, então, agora ter que chegar aqui e morar com um monte de gente, lá no meio de um monte de guri ainda. Tipo, quando eu cheguei aqui [...] me disseram que eu ia ficar no feminino, aí eu pensei: “Ah, no feminino não, porque eu sou muito... Muito grosseira, e ficar no meio das gurias assim não vai ser legal”. Aí eu fui pro misto. Só que meus pais não gostaram muito porque... Ficar no meio dos homens, eles não acharam muito legal. Mas não se incomodaram, não. Não gostaram da ideia, mas deixaram igual (FALA DE ROBERTA).

Além do receio com desconhecidos, existe outro dado importante nesta entrevista: o fato de ser uma jovem mulher que rompeu com o ambiente familiar, pois, então, redobra-se a preocupação dos pais por ela estar mais próxima dos homens, o que significaria ameaça aos valores morais desta pessoa. Esse ponto de vista sugere uma interpretação minuciosa, como revela Geertz ao dizer que a cultura é uma teia de significados que deve ser interpretada (1989, p.15): ao tomar a cidade de Santa Maria como mais complexa em relação às cidades da maioria dos moradores do alojamento estudantil, uma vez que muitas delas se caracterizam por serem rurais, nota-se um momento de transição que esse estudante vive e que precisa “acomodar sua personalidade nos ajustamentos das forças

¹⁶ “De fora” é uma expressão utilizada para designar que sua moradia se refere ao meio rural.

externas provindas do ritmo de vida que se tem na metrópole” (SIMMEL, 1967). Ou seja, o estudante se depara com uma multiplicidade de estilos de vida e formas de organização, que contrastam com a realidade vivida anteriormente, e com o espaço oferecido pela Universidade.

Nesse sentido, até mesmo o próprio alojamento proporciona a chance ao estudante de se deparar com essas múltiplas realidades: “quanto maior o número de indivíduos participando de um processo de interação, tanto maior a diferenciação potencial entre eles” (WIRTH, 1967, p. 107). Para lidar com esses “contrastes”, quando se trata de uma mente mais conservadora, a acomodação aos fenômenos sociais oriundos do estilo de vida da metrópole são feitos por meio de “choques” ou “transtornos interiores” (SIMMEL, 1967), da mesma forma, salienta outra moradora do alojamento:

[...] Tem uma coisa meio estranha pra mim: é eu vê, assim, dois homens se beijando. Eu aceito, sabe. Acho tudo bem! Só que me causa um certo impacto, assim. Uma coisa que... Não sei... É que não é uma coisa que se vê sempre, então, às vezes, quando tu vê... Dá um impacto, mas não é uma coisa que se diga “Ai”, sabe? Aquela coisa, “ai, é feio”, ou “sei lá”! Sabe? Mas é um impacto que é inevitável, assim, não sei por que (FALA DE CARLA).

A mentalidade “rural” – que assume um caráter mais “pessoal”, em que as pessoas se conhecem em nível de qualidade em detrimento da quantidade (SIMMEL, 1967) –, associada à noção do espaço público na concepção de DaMatta (1997), pode justificar o receio dos familiares em relação aos colegas de moradia do(a) filho(a) que migrou para a “cidade grande”. É como se os estudantes estivessem correndo algum perigo, como se o espaço não lhe oferecesse proteção. Assim salienta outro morador, ao ser questionado sobre o que as pessoas ao seu redor pensavam do alojamento “União Universitária”:

Olha, o que todo mundo fala, pelo menos no senso comum, fora da Universidade, fora as pessoas que precisam do alojamento – de um alojamento oferecido pela Universidade, né, a casa de estudante, em específico a “União” – a imagem é muito negativa, né. As pessoas têm muito preconceito... [Dizem que aqui é] o antro da perdição, de drogas, sexo... [...] Onde as pessoas roubam todo mundo, onde todo mundo faz sexo com todo mundo, é onde todo mundo usa droga em qualquer lugar, entendeu... É, a imagem é muito negativa (FALA DE FÁBIO).

Essas condições claramente evidenciam o olhar lançado pelas pessoas que não habitam nesse lugar – sejam colegas de faculdade, sejam amigos dos moradores e até mesmo seus pais – sobre o alojamento estudantil como um espaço público, pertencente à rua, simbolicamente associado à noção de “terra de ninguém”. Assim descreve DaMatta: “até hoje a sociedade parece fiel à sua visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são” (1997, p. 58).

À medida que os moradores do alojamento concebem esse espaço como uma moradia, como espaço privado, tomam-se os demais moradores – ou o grupo no qual existe maior interação devido aos grandes graus de afinidade – como membros de uma espécie de “família de substituição”. Esse parentesco situacional é algo que foi observado, pelo fato de existirem cada vez mais grupos fechados, inclusive – se for tomado como relevante o que está escrito nas paredes – que se consideram famílias, principalmente por estarem vivendo sem este suporte de apoio em que, muitas vezes, apoiam-se financeiramente. Isto é, precisa-se de alguém para pedir uma ajuda imediata, que cumpra o papel que a família consanguínea exercia na moradia anterior.

Dessa forma, esse parentesco

é exercitado e vivenciado na “União Universitária”. O que diverge, consideravelmente, do olhar de fora, que situa o alojamento como um lugar integrador da rua, não intitulando de “casa”: eis o alojamento coletivo da “União Universitária” como uma “casa na rua”, no sentido em que se concebe o espaço como casa e rua ao mesmo tempo, porém, por olhares de pessoas diferentes.

5 Considerações finais

Ao analisar o cotidiano de jovens estudantes do alojamento coletivo estudantil, a “União Universitária” da UFSM, deparou-se com uma lógica de funcionamento em que o grupo formado pelos moradores, ao mesmo tempo em que está em um processo de aquisição de autonomia sobre seus atos em relação ao espaço doméstico, opera de forma a se encaixar nos moldes estabelecidos pela instituição universitária, encarada neste trabalho como uma instituição total. Ou seja, o rompimento com as relações sociais anteriores, caracterizadas pela cidade de origem do estudante, o coloca num ambiente “fechado”, no sentido de que está imerso em uma cidade universitária – uma nova realidade ainda desconhecida.

A moradia no espaço público foi brevemente discutida neste trabalho, no entanto, pode-se dizer que nesta realidade, especificamente, ao se tratar de um alojamento coletivo de estudantes, um espaço incomum, fruto de um evento histórico na UFSM, predomina a noção de “casa na rua” - uma forma de compreender essa realidade embasada na descrição de DaMatta ao falar do espaço da “casa” e da “rua” – onde dois olhares distintos lançam-se sobre o alojamento: o olhar de dentro (casa) e o olhar de quem vê de fora este espaço (rua).

No empreendimento de superar os obstáculos colocados no livre curso dos caminhos desses estudantes, como foi a ação direta da PRAE ao não conceder bolsas de estágio aos estudantes

do primeiro semestre, estes se organizam de forma a criar uma “família de substituição”, um parentesco situacional observado neste local, que visa a uma interação mutualística, a qual se concebe um processo transformação da tolerância em aceitação do outro.

No que tange a assistência estudantil, essa política possibilita ao estudante de baixa renda ingressar no ensino superior público, mas também o diferencia, tornando-o alvo de discriminações em suas interações sociais, por conta do estigma de moradia que remete à condição de “pobreza”.

Em suma, esta pesquisa está aberta para diversas interpretações e investigações, dada a riqueza de fenômenos sociais nesse espaço peculiar de moradia, que realiza essa função provisória desde 1989, colaborando com o acesso ao direito à educação, permitido a todo cidadão brasileiro.

Referências

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BARICHELO, Eugênia Mariano da Rocha. **Breve histórico da instituição**. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/ceu2/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=4> Acesso em: 27 Ago. 2010.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional n. 62, de 09-12-2009. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UFSM. **Gestão “Avante” 2009/2010**. Disponível em: <<http://avantedceufsm.blogspot.com/2010/07/vitoria-mais-avancos-na-assistencia.html>> Acesso em: 19 set. 2010.
- DUMONT, Louis. **O individualismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FONAPRACE. **Plano nacional de assistência estudantil**. Gestão 2007/2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- _____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- OLIVEN, Arabela Campos. A marca de origem: comparando colleges norte-americanos e faculdades brasileiras. **Cadernos de Pesquisa**, v.35 n. 125, p.111-135, 2005.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. **Resolução 004/2008**.

Santa Maria, 2008

_____. **Benefício Socioeconômico.** Santa Maria, 2010. Disponível em <<http://w3.ufsm.br/prae/>> Acesso em: 27 Ago. 2010.

_____. **Resolução 006/2008.** Santa Maria, 2008.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana:** um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Individualismo e cultura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.

WIRTH, Louis. **O Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, Otávio G. (org.) O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

